

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS:

A COMÉDIA (PARTE II) – A COMÉDIA, IMPROVAVELMENTE

12 de Setembro de 2020

DEMAIN ON DÉMÉNAGE

AMANHÃ MUDAMOS DE CASA / 2004

Realização: Chantal Akerman *Argumento:* Chantal Akerman em colaboração com Éric de Kuyper *Fotografia* (35 mm, cor): Sabine Lancelin *Música Original:* Sonia Wieder-Atherton *Som:* Pierre Merten *Montagem:* Claire Atherton *Cenários:* Christian Marti *Guarda-roupa:* Roscoat *Interpretação:* Sylvie Testaud (Charlotte), Aurore Clément (Catherine), Jean-Pierre Marielle (Popernick), Natacha Regnier (a mulher grávida), Lucas Belvaux (Sr. Delacre), Dominique Raymond (Srª Delacre), Elsa Zylberstein (Michele), Gilles Privat (agente imobiliário), etc.

Produção: Paradise Films, Gemini Films, ARTE France Cinema, RTBF (França, Bélgica, 2004) *Produtor:* Paulo Branco *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, cor, 114 minutos, legendada eletronicamente em português *Estreia mundial:* Fevereiro de 2004, no Festival Internacional de Cinema de Berlim (secção Panorama) *Estreia em Portugal:* 22 de Abril de 2004, no cinema Nimas (Lisboa) *Primeira exibição na Cinemateca:* 9 de Abril de 2005 (“Du Côté de Chantal Akerman”).

A sessão tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo.

No princípio, um piano preto de cauda às avessas, suspenso no ar por um cabo – e alguns fios de nylon transparente, que de um adereço de cinema se trata –, oscila no céu em movimentos lentos sob um fundo azul soalheiro. Será excessivo lembrar também os motivos pintados por Magritte sob fundos de um azul idêntico? O contra-campo é dado no plano seguinte, um grupo de pessoas no passeio público, de olhos voltados para cima, observa fixamente o piano balouçante em trânsito: os planos de abertura de AMANHÃ MUDAMOS DE CASA não são apenas uma boa ideia, também são uma sinalização inteligente dos termos do próprio filme. O pressuposto é sublinhado quando a eles se volta, lá para o fim, uma vez descrito o arco narrativo, entre uma e outra mudança de casa para uma das protagonistas – a personagem de Aurore Clément muda-se para casa da filha depois da morte do marido e ambas partilham um duplex que a dado momento decidem pôr à venda, acabando a mãe, pianista, por mudar de novo de casa com o seu piano, deixando a filha, escritora, com o seu computador portátil.

Este é o filme de Chantal Akerman sobre mudanças de casa, inquilinos, compradores, agentes imobiliários, visitas a domicílios? Há de tudo isto um pouco. Muita excentricidade e um sentido de humor apurado. Há também diálogos desconcertantes, movimentos acelerados por parte de algumas das personagens, um jogo ininterrupto com o espaço, a ideia da circulação, de territórios ocupados e por ocupar, de excesso de ocupação e da sua falta. Ou seja, *nonsense* e a sua gravitação numa atmosfera de temas intemporais, da natureza do trabalho criativo à conjugalidade ou à maternidade, mas também a memória histórica.

Com UM DIVÃ EM NOVA IORQUE (1996), Akerman concretizou o velho projecto de realizar uma comédia na tradição clássica americana da *screwball* romântica colocando no seu centro a questão, não menos clássica, das identidades, e jogando muito concretamente com a ideia de pôr duas personagens a experimentarem a

pele uma da outra bem como a vivência trocada da ocupação dos seus respectivos espaços. Se em AMANHÃ MUDAMOS DE CASA a realizadora volta à comédia, e se volta a centrar-se na questão do território, as premissas são diferentes. E, aparentemente ligeira, definitivamente burlesca, a comédia desenrola-se como se imersa num contexto de gravidade, que começa por ser, como se disse já, histórica: a memória de Auschwitz e a questão da consciência judaica. É que a mãe, Catherine, é uma ex-deportada e a filha, Charlotte, é uma criança da terceira geração, como se fará notar quando do seu encontro com Popernick, o melancólico agente imobiliário que lhe mostra um apartamento cujo odor a desinfectante lhes cheira à Polónia.

Bastam outros tantos pequenos apontamentos para reforçar a nota – a obsessão com frigoríficos vazios (mas que é possível serem cheios), o diário da avó que salta de um armário desarrumado ou a recorrência das nuvens de fumo a turvar os cenários, sejam elas de pó, do fumo que vem do forno que assa frangos, do aspirador que limpa o chão da casa ou do tubo de escape de um automóvel. Foi o que levou um crítico francês a falar, a propósito deste filme, de “humor judeu ancestral assombrado pela catástrofe”. Seja como for, a questão da errância é o ponto de partida do filme. Iguamente subterrâneo, mas porventura mais secreto, é seu lado intimista. Nas palavras de Akerman, que se identifica com a personagem de Charlotte e que alimentou o filme com memórias da sua própria família, recorrendo por exemplo ao diário da avó materna, AMANHÃ MUDAMOS DE CASA é mesmo a sua longa-metragem de ficção mais autobiográfica, “uma comédia optimista como só os pessimistas podem fazer”.

O burlesco é um território de excelência para tratar assuntos sérios e neste território os traços exagerados assentam bem às personagens. Neste caso, temos o ar vago, sempre luminoso, de Catherine, e o aspecto distendidamente tenso de Charlotte, sempre em luta com a mobília, sempre de cigarro na mão, obcecada com a escrita de um romance erótico que lhe foi encomendado mas para o qual não tem visivelmente muita inspiração nem muito conhecimento de causa. Os papéis da mãe e da filha não seguem necessariamente o que dita a tradição: é a filha quem acolhe a mãe na cama por insónias, é a mãe quem dá à filha conselhos sobre o erotismo requerido para a escrita do livro. As duas partilham o espaço do duplex, ocupando andares diferentes e entre eles, o alçapão que abre para as escadas de ligação entre um e outro é incessantemente aberto e fechado segundo o ritmo mais ou menos frenético das subidas e descidas de escadas.

As duas protagonistas e o duplex ocupam o centro do filme, mas não é sobre elas que o filme se cerra. Por um lado, os objectos transportam sentidos, os elementos do *décor* participam da estrutura narrativa do filme à medida que os pares se vão constituindo e reconstituindo por afinidades ou desentendimentos. Por outro, a ficção integra ela própria múltiplas linhas de fuga: a pluralidade das vozes ou das ficções vem de trás no cinema de Akerman e aqui estas intervêm directamente, irrompendo na acção por deslocação (o caso mais evidente é o encontro de Charlotte com Michelle, a mulher desconhecida com quem partilha o aluguer de um T1 em horários alternados, e que acabará por escrever anonimamente o romance erótico), ou por entrada repentina no mundo das duas protagonistas (a ida de Charlotte ao café à procura de inspiração nas conversas das mesas vizinhas é um primeiro exemplo a que se seguem, mais consistentes deste ponto de vista, as visitas dos eventuais compradores do duplex). O que faz com que, para lá do seu cativante desconcerto, AMANHÃ MUDAMOS DE CASA seja um filme plural e, até, musical no seu próprio ritmo interno. Coincidência, ou talvez não, no fim, o epílogo surge sob a forma da letra de uma canção.